

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

**Volume 4
Setúbal 2014**

**FIDS & MAEDS
Autarquias do Distrito de Setúbal**

Entre os museus de Foucault e os museus complexos

MÁRIO MOUTINHO *

RESUMO

O autor procede a uma reflexão sobre as dinâmicas museológicas que se cruzam na contemporaneidade originando o museu complexo. Este realiza a fusão dos conceitos de “novo museu imperial”, associado à indústria cultural e de lazer, forjado pelo neoliberalismo, e de museu comunitário ou de *favela*, direcionado para a inclusão social. Remete para a sociomuseologia o desafio de acompanhar e explicar as constantes transformações da plural realidade museológica da actualidade.

ABSTRACT

The author presents a revision on the different perspectives that intersect in the contemporary museology, reaching the concept of complex museum. This accomplishes the fusion of the ‘*new imperial museum*’ associated with the cultural and leisure industry improved by neoliberalism and the very different *community museum* type concerned with social inclusion. The challenge of sociomuseology is to follow and explain the changing reality of today’s museums.



Fig. 1 - Cursos e estudos avançados de sociomuseologia. Museu Rodin Salvador Bahia.

Quando falamos de Museologia e naturalmente de Museus, importa ter em consideração que provavelmente a ideia que construímos sobre essas “coisas” é geralmente redutora pois assenta em preconceitos que interiorizamos desde criança e não dá conta nem da complexidade que essa instituição e esse saber tem revelado ao longo dos séculos. Mais ainda não dá conta das profundas mudanças pelas quais os

Museus passaram em particular desde o pós-Guerra.

Os Museus mudaram os seus paradigmas, tanto quanto começaram a ser objeto de estudo no seio de diferentes disciplinas tais como a Sociologia, a Economia, a Filosofia, a História, constituindo progressivamente um novo campo do conhecimento centrado sobre as questões do Património, e da Patrimonialização. E nesta área podemos hoje identificar

* Reitor e Professor no Departamento de Museologia da Universidade Lusófona.



Fig. 2 - MINOM MUF. Rio de Janeiro.



Fig. 3 - Museu dos direitos humanos, Winnipeg, Canadá.

domínios específicos que tratam realidades diferenciadas tais como a Ecomuseologia, a Sociomuseologia a Expologia, a Economuseologia etc..

A partir do fim da II Guerra Mundial a museologia passou a ter uma posição mais interveniente não só ao nível das questões culturais mas também de uma forma geral na discussão dos desafios que a maioria dos países teve de enfrentar. Pensamos nas questões colocadas pelo fim do colonialismo, pela chamada “guerra fria”, pela instalação de governos ditatoriais em vários continentes, pelo deflagrar de conflitos armados um pouco por todo o mundo.

Paralelamente, a realização de conferências mundiais com a divulgação de documentos da maior relevância, no que isso significa de maturação de ideias, síntese das questões centrais e disseminação de orientações e alertas, recentraram a atenção da sociedade sobre questões geralmente de grande impacto social: Direitos Humanos, Autodeterminação dos Povos, Igualdade de Género, Liberdade de expressão, Sustentabilidade ambiental, Migrações e crescimento urbano, Modelo de desenvolvimento económico valorizando o local, o *small* e tantas outras.

Sobre todas estas matérias a museologia passou progressivamente a prestar atenção e a desenvolver novas formas de atuação que dessem respostas às questões levantadas.

A proximidade com as instâncias internacionais da museologia, em particular do ICOM então criado, com a UNESCO e consequentemente com a própria Organização das Nações Unidas, explica em parte uma maior visibilidade dos museus e o reconhecimento destes como agentes essenciais de políticas públicas, não só culturais mas também centradas sobre os novos desafios que a defesa dos direitos Humanos ou as questões da sustentabilidade do próprio planeta colocam.

O pensamento museológico tornou-se parte do

pensamento contemporâneo ocupando um espaço que até então não possuía.

Em 1972 realizou-se a Mesa Redonda de Santiago do Chile organizada pelo ICOM /UNESCO na qual aparece o conceito de «museu integral» e dois anos depois, no mundo dos museus entrou o conceito de “desenvolvimento” inscrito nos estatutos do ICOM de 1974.

No plano institucional assistiu-se à criação nos anos 80 do ICOFOM 1980, da MNES 1982, da criação do MINOM em 1985, assente nos princípios e valores da Declaração de Québec de 1984.

Nos anos de 1990 e princípio do século XXI, assumiram um papel incontornável as publicações de trabalhos científicos que consolidaram a entrada da Museologia e do Património no mundo académico e na sua agenda da investigação científica tendo como pano de fundo as novas abordagens e os novos papéis que os museus começaram a adotar de forma estruturante, enquadrando os novos patrimónios e sobretudo o alargamento das práticas museológicas. Pensamos, por exemplo, nos trabalhos de Cristina Bruno, Gary Porter, Gaynor Kavanaugh, Ghislaine Lawrence, Eilean Hooper Greenhill, Jean Davallon, Juan Carlos Rico, Kevin Moore, Maria Bolanos, Maria Célia Santos, Mário Chagas, Paulette Mcmanus, Peter Van Mensch, Pierre Mayrand, Sharon Macdonald, Susan Pearce, Tereza Scheiner, Waldisa Rússio e Zbynek Stránský. Nesses anos, também o International Council of Training of Personnel - ICTOP (<http://network.icom.museum/ictop>) deu um enorme contributo para o reconhecimento académico da Museologia, favorecendo o aprofundamento da teoria museológica, em simultâneo com a criação de programas de estudo em universidades de numerosos países (Angelika Ruge, Gary Edson, Ivo Maroević, Lynne Teather, Martin Segger, Patrick Boylan, entre muitos outros)¹. O objeto museológico, com todas as características

1 - Por duas vezes o ICTOP reuniu a sua conferência anual no Departamento de Museologia da Universidade Lusófona (1994 e 2008). Para consultar as atas <http://www.museologia-portugal.net/>



Fig. 4 - I Atelier Internacional Quebec, 1985.

que lhe tinham sido atribuídas até então, deixava progressivamente de estar no centro da museologia, para ser considerado eventualmente como parte dos novos processos de comunicação e de representação que a museologia passou a reconhecer como centrais.

Como eram tranquilos os dias, em que sabíamos exatamente o que era um museu e aquilo que não era. Quando os museus serviam apenas para mostrar ou glorificar a história de qualquer coisa, ou quando só mostravam as suas coleções e arquivos, herdados, coletados, comprados, saqueados ou oferecidos. Os Museus eram tranquilos enfrentando apenas os problemas de armazenamento, preservação e eventualmente de documentação. Quando existia uma narrativa essa era apenas um discurso elementar sustentado na ideologia oficial.

Outros museus contudo, construíram as narrativas ligadas aos desafios da sociedade, olhando à sua volta, olhando para serem atores de mudança social em favor de mais dignidade, mais inclusão, mais cidadania e mais participação. Esses Museus construíram narrativas de resistência que sustentavam a ação de museus locais regulares ou intermitentes, ecomuseus e muitas outras formas de museus procurando o que foi chamado de Nova Museologia. Foi essa percepção do mundo que enraizava uma museologia crítica ligada ao mundo contemporâneo.

Foi nesse contexto que, em 1984, pessoas de diferentes países participaram no Québec no Encontro Internacional de Ecomuseus - Nova Museologia. Os participantes buscavam afirmar e refletir sobre as novas formas da museologia (Museus de vizinhança dos EUA, Museu Casa del Museo de México, Museus Locais em Portugal, Ecomuseus da França, museus comunitários de Bélgica, Suécia, Mali, Panamá, Níger e de vários outros países).

Devemos mencionar três objetivos principais deste Atelier do Québec:

- Incentivar a troca de experiências entre as práticas da ecomuseologia e em geral, com outras práticas da nova museologia;
- Esclarecimento da relação entre a nova museologia e seus conceitos, com a Museologia mais tradicional;



Fig. 5 - Curso de sociomuseologia no Mindelo, ULCV, 2010.

- Estimular novas práticas museológicas reconhecendo o direito à Diferença, por oposição à ideia corrente de Museu dominante.

As pessoas mudavam de uma museologia onde as coleções eram compostas principalmente por objetos, para uma Museologia onde as coleções passaram a ser compostas por problemas / questões da sociedade. E trabalhar com as pessoas, naturalmente, exigia novas competências, diferentes daquelas necessárias para quem trabalhar essencialmente com objetos. Neste sentido, a referência à Declaração de Santiago do Chile, revelou os objetivos sociopolíticos do Atelier de Québec.

As novas formas de museologia, museus comunitários, museus de vizinhança, ecomuseus evoluíram para o reconhecimento de um movimento com um escopo mais amplo do que a própria ecomuseologia.

Este foi um processo doloroso para alguns dos participantes, que enxergavam a ecomuseologia como o principal ou mesmo a única forma de uma nova museologia, por oposição a uma outra parte dos participantes que buscavam um entendimento mais amplo da nova museologia englobando outras expressões museológicas.

Essencial para esta dupla Nova Museologia foi a abordagem interdisciplinar, que contradizia o isolamento e abria novos campos para o pensamento científico, empírico e pragmático.

O público dos museus, nessa perspectiva, não tinha um lugar fundamental nestes novos museus, pelo contrário, aparecia a ideia de utilizadores e de criadores. A ideia de trabalho coletivo integrado nesta abordagem, introduzindo a ideia de que as exposições do museu deviam ser antes de tudo um processo contínuo e não um produto final.

Todo este debate foi ilustrado por apresentações de práticas museológicas vindas de diversos países, em paralelo com o trabalho do Ecomuseu Haute Beauce. Este ecomuseu apresentava respostas e tentava responder às questões colocadas.

Quando nos reunimos em sessão plenária para discutir a declaração de Québec, existia uma nova atitude, renovada, criativa e militante, muito mais

ampla do que a da simples ecomuseologia, facto que levou naturalmente a uma primeira rejeição do texto proposto. Mas uma leitura mais atenta, mostrou no entanto que havia um conjunto de ideias que eram partilhadas. No final do dia foi possível superar algumas diferenças, uma vez que se tornou claro que era necessário criar uma nova estrutura, que daria continuidade ao trabalho realizado no *atelier* durante a semana anterior.

Aceite a ideia de que o *atelier* tinha revelado a existência de um novo movimento museológico enraizado numa multiplicidade de práticas, foi então criado com esse espírito, a comissão organizadora do 2.º *atelier* que seria realizada no ano seguinte, em Lisboa, onde foi oficialmente criado o Movimento Internacional para uma Nova Museologia - MINOM. Esta nova organização mais tarde reconhecida como uma organização afiliada ao ICOM.

A novidade em si era a possibilidade de confrontar a comunidade dos museus, com uma realidade museológica que tinha mudado profundamente desde 1972, por meio de práticas que revelaram uma museologia ativa, aberta ao diálogo e agora enquadrada por uma forte estrutura internacional.

Esta mudança de atitude foi de facto mencionada por Hugues de Varine no relatório de síntese da Conferência Geral do ICOM XVI “Durante as reuniões realizadas no seio dos comités internacionais, ficou claro que há uma forte corrente em direção à abertura e inovação, levando os profissionais a agir de forma não tradicional e aceitar serem influenciados por conceitos multiculturais e de cooperação que estão emergindo dentro do ICOM, pontes construídas entre diferentes disciplinas e projetos, e grupos como MINOM são indícios desse espírito de abertura”.

Em resumo, a Declaração de Québec, o *Atelier* 1984 e a criação de MINOM devem ser entendidos como um todo coerente, que desde então tem contribuído para o reconhecimento dentro da museologia do direito à diferença.

Mas os anos se passaram, e o que era novo se tornou menos novo, na medida em que os museus começaram a integrar as abordagens da nova museologia em atividades gerais de museus.

Os valores e princípios da Nova Museologia, estruturada nos anos 70, 80 e 90, revelam-se agora insuficientes para dar conta da realidade dos museus atuando num mundo neoliberal, lidando com o “fim da história”, ou a “inevitabilidade” de novas guerras do Iraque.

Neste novo contexto, a abordagem da Sociomuseologia procura integrar uma parte considerável do esforço para adaptar novas práticas às limitações das estruturas dos museus da sociedade contemporânea, onde se incluem naturalmente os novos recursos de comunicação, a nova realidade de sociedades em rede, a autonomia das novas gerações, e os novos públicos e utilizadores.

A abertura do museu ao meio e a sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida, têm provocado a necessidade de elaborar e esclarecer relações, noções e conceitos que podem dar conta deste processo.

A Sociomuseologia constitui-se assim como uma área disciplinar de ensino, investigação e atuação que privilegia a articulação da museologia em particular com as áreas do conhecimento das Ciências Humanas, dos Estudos do Desenvolvimento, da Ciência de Serviços e do Planeamento do Território.

A abordagem multidisciplinar da Sociomuseologia visa consolidar o reconhecimento da museologia como recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade, assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e económica.

A Sociomuseologia assenta a sua intervenção social no património cultural e natural, tangível e intangível da humanidade.

O que caracteriza a Sociomuseologia não é propriamente a natureza dos seus pressupostos e dos seus objetivos, como acontece em outras áreas do conhecimento, mas a interdisciplinaridade com que apela a áreas do conhecimento perfeitamente consolidadas e as relaciona com a Museologia propriamente dita.²

A Sociomuseologia como área de ensino, de investigação e de prática social tem vindo a consolidar-se como uma área de conhecimento, no seio das ciências sociais. A Museologia que anteriormente se constituía essencialmente como um conjunto de técnicas de conservação, documentação, exposição, ao serviço do património tangível, em particular nos campos da arte, da antropologia e da arqueologia, tem vindo a dar lugar a um complexo edifício teórico/metodológico que tem como campo de observação as multifacetadas abordagens e experimentações que têm configurado as novas manifestações museológicas contemporâneas. Esse complexo edifício teórico/metodológico, porque trata do estudo de manifestações de natureza social, tem encontrado nas ciências sociais a sua verdadeira matriz epistemológica.

2 - Moutinho, Mário (2007) - Definição evolutiva da Sociomuseologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, nº 28, *Actas do XII Atelier Internacional do MINOM / Lisboa*. Lisboa: Universidade Lusófona.



Fig. 6 - Museu de Favela MUF, Rio de Janeiro.



Fig. 7 - XV Atelier MINOM, Museu da Maré, Rio de Janeiro, 2013.

O que há de novo na Museologia é, sem dúvida, a constatação que o fenómeno museológico que continua a englobar um conjunto de técnicas associadas a vários domínios científicos é também, e sobretudo, um fenómeno social complexo, do qual só pode ser dada conta na medida em que a museologia se possa integrar no campo das Ciências Sociais. A Sociomuseologia, como é atualmente identificada no meio académico, é em suma esse processo de tratar a Museologia na sua dimensão técnica e social. Da mesma forma que as Ciências Sociais estudam atualmente o facto museal, também a museologia necessita de se reconhecer como Ciência Social.

Não se trata propriamente de aceitar a definição de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri para quem a museologia “é a relação profunda entre o Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, parte da Realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem o poder de agir, relação esta que se processa num cenário institucionalizado, o museu”. Na verdade nas novas dimensões da Museologia o museu já não é exclusivamente o cenário da Museologia mas apenas uma possibilidade.

A realidade sobre a qual se debruça a Sociomuseologia tem uma dimensão particularmente relevante na sociedade contemporânea, na medida em que para lá da sua dimensão cultural mais visível e associada ao papel tradicional dos Museus, tem uma dimensão económica crescente no campo dos serviços, do desenvolvimento territorial, das tecnologias da Informação e da Comunicação entre outras. E esta dimensão já não cabe nas paredes estreitas da instituição Museu.

Mais ainda, o alargamento da noção de Património, associado a um conjunto crescente de novas funções que as instituições museológicas têm vindo a assumir, em particular no domínio da inclusão social, cultural e económica, do hibridismo cultural e do multiculturalismo, tem dado lugar a novas estruturas museais que assumem novas formas de funcionamento, horizontes temporais diversos e impactos diferenciados a nível local, regional, nacional e internacional.

São disso exemplo os processos museológicos recentes centrados sobre a defesa dos Direitos Humanos³ ou a rede mundial de lugares de memória⁴ Ou ainda, os museus de favela do Rio de Janeiro⁵.

Estes museus correspondem a uma categoria que Jennifer Carter e Jennifer Orange identificam como “*issues-based museums*”, os quais são progressivamente mais relevantes relativamente aos desafios da sociedade tanto no domínio da cultura como da própria política, como agentes de relacionamento intercultural e inter-geracional numa perspectiva dialógica, por oposição às tarefas tradicionais orientada para as coleções⁶.

Vivemos num mundo onde as novas representações sociais tomam forma, onde o hibridismo cultural não é mais uma consequência direta do retorno das colónias, mas o resultado da segunda e terceira gerações de migração para os subúrbios. Vivemos num mundo onde a inclusão social ganha cada vez mais importância, num mundo cada vez mais desigual, com mais pobreza, como resultado de 30 anos de políticas neoliberais. Estas são questões que exigem uma revisão do lugar da museologia e dos museus na sociedade contemporânea na busca de novos

3 - The Canadian Museum for Human Rights. museumforhumanrights.ca/.

4 - International Coalition of Sites of Conscience. <http://www.sitesofconscience.org/>.

5 - Museu de Favela (MUF). <http://www.museudefavela.org/> & Museu da Mare <http://museudamare.org.br/>

6 - Cf. Jennifer Carter e Jennifer Orange, Contentious terrain: Developing a human rights museology.

caminhos num processo de práticas globais partilhadas para promover a mudança e um futuro melhor.

Esta Sociomuseologia expressa uma prática museológica multifacetada, onde coexistem conceitos que expressam desafios e objetivos que ganharam forma em tempos diferentes, e deram voz a diferentes estratos sociais e a diferentes projetos societais.

Nesta nova realidade assistimos à criação ou à reorganização de museus onde coabitam diferentes projetos: 1 - Pensamos nos tradicionais museus de objetos, que agora desenvolvem novas tecnologias de apresentação e que exigem competências específicas centradas no público visitante. Estes museus estão na base da rica e complexa leitura que Foucault nos propôs, pensando nos museus do início do século XX e que tanto influenciou a produção científica nos anos 90; 2 - Pensamos também, nos Museus de comunidade “formais” centrados em novos processos de comunicação e organização, com recursos ou não a novas tecnologias de comunicação mas, orientados sobretudo para o desenvolvimento social, inclusão e experimentação. São os museus da nova museologia, da sociomuseologia; 3 - Pensamos em museus que assentam sobretudo nas novas tecnologias de comunicação, museus sem território formal, mas museus de problemáticas partilhadas: *Issues based museums*, Redes globais na web, locais de consciência; 4 - Pensamos também em museus do espetáculo multimédia das indústrias criativas, onde a forma e o brilho das soluções tecnológicas se sobrepõem aos conteúdos que, quando existem, expressam a ideologia dominante, tão formal como inconsequente: Paradigmas da sustentabilidade ambiental, valores universais da arte, labirintos de arquitetura que consagram relações de poder, e o poder económico dos lugares da política dominante. São o que chamamos de “Novos Museus Imperiais” forjados em tempo de neoliberalismo: Museu do Amanhã - Rio de Janeiro, Museu Guggenheim – Bilbao, o Louvre do Kuwait, os grandes parques temáticos da indústria do lazer.

Para todos estes modelos de museus, constroem-se competências profissionais que sustentam novas áreas de formação. Deste ponto de vista a construção de processos dialógicos de Paulo Freire,

o manuseamento da computação ubíqua, o planeamento estratégico, a avaliação de públicos, a construção de marcas, o marketing do lazer, são questões que sustentam as diferentes formas que a museologia contemporânea tem vindo a assumir.

E como anunciamos no início deste texto todas estas questões atravessam os museus dando forma mais ou menos elaborada ao trabalho do dia-a-dia como lugar central ou como justificação mediática, na busca de um fazer politicamente correto.

Difícilmente encontramos museus que consigam existir à margem desta polissemia. Cada vez mais é difícil imaginar um *museu imperial* sem programas de inclusão social, ou *museus de favela* sem coleções de objetos herdados, ou redes sociais sem novas museografias.

E todos os conceitos que lhes estão subjacentes aparecem agora, como novas formas de heterotopias marcadas pelos seus próprios espaços formais e relacionais onde não é mais a diferença que singulariza mas, antes pelo contrário, é na justaposição que encontram a sua essência.

O Museu de Foucault que se constituía como heterotopia pela sua singularidade da acumulação e da intemporalidade de certa forma deixou de existir pois, tanto uma coisa como outra deixaram de ser centrais para revelarem o museu como instâncias ou processos de uma polifonia social onde a justaposição das coisas e dos tempos cede lugar à justaposição das relações de poder e de submissão, da anulação e afirmação das contradições e da negação ou não da interculturalidade.

O desafio da Sociomuseologia é, certamente, o de contribuir também para a compreensão desta nova realidade museológica, assente na existência de museus que se afirmam pela utilização simultânea de diferentes conceitos tornando-se, assim, numa nova categoria que poderíamos denominar de **Museus Complexos**. Complexos não pela complexidade do funcionamento das instituições museológicas mas, complexos pela complexidade dos conceitos que sustentam as suas diversas atividades.